

Imigração internacional dinâmica demográfica no tempo do café

Maria Silvia C. B. Bassanezi

Como citar: BASSANEZI, M. S. Imigração internacional dinâmica demográfica no tempo do café. In: TEIXEIRA, P. E.; BRAGA, A. M. C. BAENINGER, R. (org).

Migrações: *Implicações passadas, presentes e futuras*. Marília: Oficina Universitária. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 85-119

DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-267-3.p.85-119>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL E DINÂMICA DEMOGRÁFICA NO TEMPO DO CAFÉ¹

Maria Silvia C. B. Bassanezi²

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século XIX e primeiras seis décadas do século XX, a dinâmica populacional do estado de São Paulo (Brasil) sofreu grandes transformações que acompanharam os processos socioeconômicos e político-institucionais vigentes. No decorrer desse período, o estado recebeu grande contingente migratório e também apresentou taxas de natalidade e mortalidade mais baixas que nas outras unidades da federação, dessa

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no *Seminário Internacional sobre Población y Sociedad en América Latina* (SEPOSAL 2010 - Salta, Argentina, 9 a 11 de junho de 2010) e compõe um volume dos *Cuadernos GREDES* (Grupo de Estudios Socio-Demograficos da Universidade de Salta, Argentina), dedicado a esse Seminário.

² Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População (Nepo) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Bolsista PQ/CNPq. Email: msilvia@nepo.unicamp.br

maneira, colocando-se à frente no processo de transição demográfica do país, caracterizado pelo grande declínio da fecundidade a partir dos anos 1960.

Em meados dos anos 1880, a população paulista era de aproximadamente um milhão e duzentos mil habitantes; no início da década de 1930, chegou a seis milhões e quatrocentos mil; e, em 1960, a doze milhões e oitocentos mil. O ritmo desse crescimento, no entanto, não foi o mesmo no tempo e no espaço; resultou de dinâmicas demográficas específicas, onde a migração teve um papel importante. Primeiro, destacou-se a imigração internacional, das últimas décadas do século XIX aos anos 1930; depois, a imigração interna.

Este trabalho analisa a trajetória da população do estado de São Paulo naquele primeiro momento, focalizando a imigração como um dos eixos explicativos para o entendimento das diferentes formas e etapas da ocupação territorial e da composição da população.

A IMIGRAÇÃO INTERNACIONAL NO ESTADO DE SÃO PAULO

O declínio da escravidão no Brasil - que culminou com a sua abolição, em 1888 - ampliou a necessidade de mão de obra para a cafeicultura paulista em plena expansão, assim, dando origem a uma política migratória empenhada em atrair mão de obra livre estrangeira em grande escala.

Iniciada em meados dos anos 1880, no estado de São Paulo, essa política - que incluía subsídios aos imigrantes - atraiu, entre 1886 e 1934³, cerca de dois milhões e trezentos mil imigrantes, dos quais, a maioria, ou seja, quase um terço, chegou durante a década de 1890 (Tabela 1). Ulteriormente, as entradas de imigrantes diminuíram, mas continuaram significativas até meados dos anos 1920, com picos entre 1910 e 1913 e no início da década de 1920. Nos anos finais dessa última década, foram suspensos os subsídios à imigração, que, junto à crise de superprodução do café, em 1930, às transformações econômicas e às mudanças políticas

³Essas datas balizas são dadas pelos levantamentos populacionais ocorridos no estado de São Paulo, em 1886 e 1934, e correspondem ao período de imigração internacional de massa. Esse período contempla os censos nacionais realizados em 1890, 1900 e 1920 e também as estatísticas vitais publicadas para o estado de São Paulo que trazem informações sobre estrangeiros entre 1894 a 1928.

ocorridas no país (que, inclusive, colocaram em vigor medidas restritivas à imigração), provocaram um declínio ainda maior do fluxo migratório internacional em direção a esse estado.

Embora estatísticas precisas sobre a imigração internacional sejam difíceis de obter, não restam dúvidas de que os números foram grandes⁴. Não só o volume, mas também as características dessa corrente imigratória provocaram, além do crescimento da população, profundas alterações na estrutura e na dinâmica populacional e interferiram no processo de transição demográfica das regiões onde os imigrantes se inseriram. Ademais, os imigrantes e seus descendentes intensificaram a mobilidade geográfica, provocando modificações constantes na distribuição espacial da população e na ocupação do território paulista.

Entre 1890 e 1902, os imigrantes subsidiados lideravam com 78% das entradas; a partir de 1903 até 1929, os espontâneos tornaram-se maioria (69%) (SÃO PAULO, 1898-1930). Esses imigrantes, subsidiados e espontâneos, eram europeus na sua maior parte - principalmente italianos (os mais numerosos), portugueses e espanhóis; em menor proporção, achavam-se alemães, austríacos, europeus do leste, japoneses (estes entrados a partir de 1908) e ainda umas centenas ou dezenas de outras nacionalidades (Tabela 1). Na sua maioria, os imigrantes encontravam-se em idade produtiva e reprodutiva (mais de 60% eram maiores de 12 anos de idade); entre eles, havia mais homens que mulheres, o que resultava uma razão de sexo sempre superior a 100. Atendendo à política migratória em vigor, que privilegiava a imigração em família, 90% dos imigrantes subsidiados e 70% dos espontâneos quando chegaram a São Paulo, no período, faziam parte de unidades familiares.

⁴ As estatísticas existentes nem sempre refletem a realidade, uma vez que dependem de critérios adotados pelos órgãos encarregados de produzi-las; não abarcam a migração ilegal, raramente, a reemigração e imigração de retorno; as séries disponíveis relativas ao período estudado nem sempre são completas. Os filhos de estrangeiros nascidos no Brasil são contados como brasileiros em virtude do princípio do *jus solis* que vigora na legislação desse país. Muitas estatísticas arrolam a população estrangeira sem distinguir o imigrante do não imigrante — no entanto, dado o contexto histórico da época aqui analisada, a população estrangeira, na sua maioria, era imigrante e como tal é aqui analisada. Em que pesem suas limitações, as estatísticas disponíveis possibilitam uma aproximação com a realidade desse fenômeno e é sobre elas que repousa este trabalho.

TABELA 1 - Imigrantes entrados no estado de São Paulo segundo grupos nacionais, 1885-1934

Período	Portugueses	Italianos	Espanhóis	Outros	Total
1885-1889	18.486	137.367	4.843	6.968	167.664
1890-1894	30.752	210.910	42.316	35.754	319.732
1895-1899	28.259	219.333	44.678	122.983	415.253
1900-1904	18.530	111.039	18.842	22.884	171.295
1905-1909	38.567	63.595	69.682	24.695	196.539
1910-1914	111.491	88.692	108.154	38.335	362.898
1915-1919	21.191	17.142	27.172	36.519	83.684
1920-1924	48.200	45.306	36.502	30.461	197.312
1925-1929	65.166	29.472	27.312	74.443	289.941
1930-1934	17.015	6.946	4.876	100.397	128.899
Total	397.657	929.802	384.377	185.500	2.333.217

Fonte: Levy (1974).

Muitos dos estrangeiros aqui chegados não permaneceram. Houve momentos em que o número de entradas chegou a ser menor que o de saídas. Uma parcela razoável retornou à sua terra de origem ou remigrou para outros países. Quantificar essa parcela é, contudo, tarefa muito difícil, uma vez que só, em 1908, iniciou-se o registro sistemático da saída de estrangeiros do país e os censos do período não trazem informações sobre a estrutura etária desse segmento, através das quais poderia ser estimada a migração de retorno.

Apesar das limitações, várias estimativas foram feitas no sentido de quantificar a contribuição da população estrangeira no crescimento demográfico e calcular o índice de fixação do imigrante nesse país como um todo e no estado de São Paulo. Entre elas, as estimativas realizadas por Mortara apontam uma taxa de retorno de 35%, após 1900, e demonstram que 10,4% do crescimento populacional no país, como um todo, deveriam-se ao saldo imigratório entre 1890-1940; 5,26% ao crescimento natural dependente da imigração; e o restante ao crescimento natural independente da imigração (MORTARA, 1947 *apud* LEVY, 1974). Análises elaboradas por Levy mostraram que o período de maior fixação do imigrante em terras

brasileiras foi o de 1890 a 1900 e o de grande migração de retorno ocorreu no começo do século XX (LEVY, 1974, p.64). Merrick e Grahan (1981), por sua vez, relativizaram o aumento da migração de retorno nos primeiros anos do século XX:

[...] se levássemos em conta a taxa de aumento natural da população italiana que migrava para o Brasil no período, que foi substancial, a porcentagem de retornos se situava em níveis muito baixos. Em resumo, apesar do aumento da migração de retorno nos primeiros anos do século XX, o fluxo de retorno teve conseqüências relativamente reduzidas, pelos padrões internacionais e em termo de população estrangeira total existente no país, inclusive seu crescimento cumulativo pelo aumento natural, bem como os afluxos do exterior (MERRICK; GRAHAN, 1981, p.129).

No que diz respeito especificamente ao estado de São Paulo, Nogueira estimou que *a proporção do crescimento atribuível direta e indiretamente à imigração (estrangeira e nacional)* nesse estado foi de 65,4%, entre 1890 a 1900; 61,6% até 1920; e 59,3% até 1940 (NOGUEIRA, 1964, p.17).

Assim, feitos os cálculos, conclui-se que, no período de 1890 a 1940, a imigração estrangeira contribuiu direta e indiretamente em 59 por cento, e a nacional, em 12, para o incremento demográfico do Estado, ficando 29 por cento desse incremento por conta do crescimento vegetativo da população existente em 1890.

Cabe lembrar que, entre os anos 1890 e 1915, a migração interna em direção ao estado de São Paulo foi muito pequena (5%). A partir desse momento, ela começou a aumentar lentamente, então, sobrepujando a estrangeira no início dos anos 1930 (56,7%); após esse ano, cresceu em um ritmo mais acelerado, intensificando ainda mais no Pós-Segunda Guerra Mundial (SÃO PAULO, 1898-1930).

Os estrangeiros, que eram apenas 5% no conjunto da população do estado, em 1890, passaram para 21% em 1900. Duas décadas após, em 1920, esse número quase dobrou e eles chegaram a 18% da população local. Tempos depois, em 1934, conquanto houvesse aumentado em

número absoluto, sua proporção na população paulista diminuiu, mas ainda alcançava a casa dos dois dígitos (15%) (Tabela 2).

TABELA 2 - População total e população estrangeira estado de São Paulo, 1886-1934

Ano	População total	População estrangeira	% de estrangeiros
1886	1.221.380	36.825	3,02
1890	1.384.753	75.030	5,42
1900	2.279.608	478.417	20,96
1920	4.592.188	829.851	18,07
1934	6.433.327	931.191	14,48

Fonte: São Paulo (1888; 1936); Rio de Janeiro (1890; 1900; 1920).

Na última década do século XIX, quando a imigração foi mais intensa, a população paulista cresceu a uma taxa de 5,1.a.a e, no conjunto do período analisado (1886 a 1934), 3,5% a.a. (Tabela 3).

TABELA 3 - Taxa de crescimento anual da população Estado de São Paulo, 1886-1934

Período	Taxa anual de crescimento
1886-1890	3,2
1890-1900	5,1
1900-1920	3,6
1920-1934	2,4
1886-1934	3,5

Fonte: São Paulo (1888; 1936); Rio de Janeiro (1890; 1900; 1920).

Apesar de todo o empenho da política migratória, do governo e dos fazendeiros em orientar o fluxo de imigrantes (principalmente aquele subsidiado) para onde lhes convinham - as fazendas de café do interior do estado - o crescimento da economia cafeeira e os desdobramentos que provocou (expansão ferroviária, urbanização e industrialização) acabaram por atrair imigrantes para outras áreas cafeeiras, para outros locais que não a fazenda de café, para outras atividades abertas no mercado de trabalho paulista. Os imigrantes e seus descendentes, então, acabaram por predominar não só no conjunto da força de trabalho agrícola, mas também

da não agrícola. Em 1900, por exemplo, mais da metade da crescente força de trabalho industrial e comercial no estado era estrangeira (MERRICK; GRAHAM, 1981).

Em 1934 - único ano do período analisado que dispõe de informações sobre o domicílio rural e urbano da população paulista -, quase metade dos estrangeiros já vivia nas cidades, sobretudo na cidade de São Paulo. As áreas rurais concentravam ainda pouco mais da metade dos italianos, cerca de 60% dos espanhóis e de imigrantes de outras nacionalidades e uma proporção bem menor de portugueses (29,5%) (Tabela 4).

TABELA 4 - Estrangeiros segundo nacionalidade e domicílio no estado de São Paulo – 1934

Nacionalidade	Zona rural	Zona urbana	Total	% Zona rural
Italiana	156.708	148.269	304.977	51,4
Espanhola	93.343	67.181	160.524	58,1
Portuguesa	52.178	124.413	176.591	29,5
Outras	166.494	123.105	289.599	57,5
Total	468.723	462.968	931.691	50,3

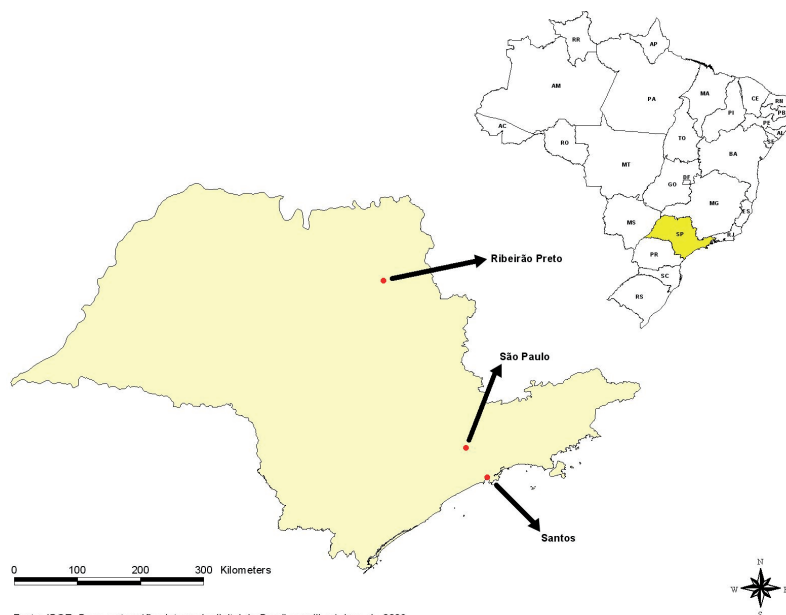
Fonte: São Paulo (1936).

Diante de tais constatações, não restam dúvidas de que a imigração internacional (como a migração interna, a partir dos anos 1930) teve um papel importante na trajetória demográfica e na ocupação do espaço, assim como na promoção das transformações socioeconômicas pelas quais passou o estado de São Paulo. Esse papel, no entanto, não foi o mesmo em todo o território paulista. Quando se desagregam os dados para um nível menor de análise, em municípios, observam-se diferenças (e também algumas semelhanças) na trajetória demográfica entre os municípios receptores de imigrantes, assim como entre esses e aqueles em que a imigração internacional foi pouco significativa. Diferenças condicionadas pela intensidade e característica do fluxo imigratório recebido, que, por sua vez, atrelava-se ao contexto econômico dos diversos municípios paulistas.

OS MUNICÍPIOS E SEUS IMIGRANTES

São Paulo, Santos e Ribeirão Preto são exemplos de municípios paulistas que tiveram suas trajetórias demográficas fortemente marcadas pela imigração internacional (Mapa 1).

MAPA 1



Fonte: IBGE, Base cartográfica integrada digital do Brasil ao milionésimo, de 2003.

Na época analisada, São Paulo, capital do estado, encontrava-se em um intenso processo de urbanização e industrialização, o que acarretou mudanças na composição da população, na forma de organização do trabalho e nas suas relações com outras áreas do estado. Para esse município convergiam imigrantes recém-chegados e os saídos da lavoura cafeeira e de municípios do interior em busca das inúmeras oportunidades de trabalho que ele oferecia. Mesmo não se caracterizando como produtor de café, tornou-se o grande polo de atração de imigrantes e de seus descendentes, o que provocou um crescimento populacional rápido e imenso, transformando-o no município mais populoso do estado. Sua população, basicamente urbana, em 1886, já era a maior entre os municípios paulistas (47.697 habitantes); em 1934, ultrapassava a casa de um milhão de pessoas (Tabela 5).

TABELA 5 - População total, 1886-1934

Ano	São Paulo	Santos	Ribeirão Preto	Estado
1886	47.697	15.605	10.420	1.221.380
1890	64.934	13.012	12.033	1.384.753
1900	239.820	50.389	59.195	2.279.608
1920	579.033	102.589	68.838	4.592.188
1934	1.033.202	142.059	81.565	6.433.327

Fonte: São Paulo (1888; 1936); Rio de Janeiro (1890; 1900; 1920).

Santos caracterizava-se por abrigar o principal porto de exportação do café, de entrada de imigrantes e de mercadorias importadas e, conseqüentemente, a maior parcela de sua população estava alocada nas atividades portuárias ou nas atividades ligadas à exportação e importação. Por ele, também, transitava uma população flutuante de passagem para a capital, para as áreas cafeeiras, para núcleos coloniais e urbanos do interior. Em 1886, sua população abrangia 15.605 habitantes, que passaram para 142.059 em 1934 (Tabela 5).

Ribeirão Preto era o maior produtor de café do estado e como tal atraía um grande volume de imigrantes; sua população concentrava-se principalmente nas áreas rurais e o seu núcleo urbano desenvolvia-se amparado pelas fazendas de café e pela ferrovia chegada em 1883. Nos anos 1896 e 1897, sofreu perdas territoriais com a criação dos municípios de Sertãozinho e Cravinhos, respectivamente. Sua população era cerca de 10 mil pessoas em 1886, e passou para pouco mais de 80 mil em 1934 (Tabela 5).

As estatísticas de entrada ou saída de imigrantes nesses e em outros municípios são ainda mais raras ou mesmo inexistentes. A própria mobilidade espacial a que estavam sujeitos os imigrantes no interior do estado de São Paulo, difícil de controlar, impossibilitava a elaboração de tais estatísticas. Aqueles que passaram pela Hospedaria de Imigrantes tiveram registrado o local de destino, geralmente, a fazenda de café, uma estação ferroviária do interior ou a capital. Nesse caso, é possível saber, por exemplo, que para Ribeirão Preto saíram diretamente dessa hospedaria cerca de 60 mil imigrantes em meados dos anos 1890 a 1930. Esse município também atraiu aqueles que, em um primeiro momento, haviam se dirigido

a outras localidades; por sua vez, muitos dos que se destinaram a Ribeirão Preto não permaneceram. Sobre as entradas para Santos e São Paulo, as dificuldades são muito maiores, pois a grande parcela que permaneceu em Santos e os muitos dos que se dirigiram a São Paulo não foram registrados na Hospedaria dos Imigrantes. Da mesma forma que Ribeirão Preto, esses outros dois municípios também receberam imigrantes que habitavam o interior do estado e muito provavelmente também perderam alguns para os municípios do interior.

O recenseamento de 1890 mostra que, nesse ano, esses municípios já contavam com uma proporção razoável de imigrantes no conjunto de suas populações⁵. Por ocasião do recenseamento de 1920, a proporção de estrangeiros nesses locais chegava a aproximadamente um terço da população total. Em números absolutos, no entanto, a população estrangeira em São Paulo superava em muito a existente em Santos e, mais ainda, aquela de Ribeirão Preto e de outros municípios paulistas (Tabela 6).

TABELA 6 - População estrangeira, 1886-1934

Ano	São Paulo		Santos		Ribeirão Preto		Estado	
	n.	% na pop. Total	n.	% na pop. total	n.	% na pop. total	n.	% na pop. Total
1886	12.290	25,8	s.i.	s.i.	761	7,3	36.825	3,0
1890	14.303	22,0	1.692	13,0	1.262	10,7	75.030	5,4
1900*							478.417	21,0
1920	205.245	35,4	36.539	35,6	21.748	31,6	829.851	18,1
1934	287.690	27,8	38.488	27,1	14.570	17,9	931.691	14,5

Fonte: São Paulo (1888; 1936); Rio de Janeiro (1890; 1900; 1920).

*A publicação do recenseamento de 1900 não traz o número de estrangeiro por município. s.i. (seminformação).

Os três municípios divergiam entre si não só quanto ao volume da população imigrante recebida, mas também no tocante à composição dessa população segundo nacionalidade, sexo, idade e domicílio rural ou urbano.

⁵ Essa proporção subiu muito nos dez anos seguintes — lamentavelmente, a publicação do recenseamento de 1900 não traz o volume de imigrantes por município.

Em 1920⁶, em Ribeirão Preto, os italianos eram metade e os espanhóis um quarto dos estrangeiros; em São Paulo, os italianos eram maioria (44,6%), mas em proporção menor que em Ribeirão Preto e, em seguida a eles, vinham os portugueses (31,5%). Proporcionalmente, na capital, havia menos portugueses que em Santos e menos espanhóis que nos outros dois locais. Os portugueses predominavam em Santos (57,5%), seguidos mais à distância pelos espanhóis (23,6%) e mais ainda pelos italianos que eram bem poucos (Tabela 7).

TABELA 7 - População estrangeira segundo nacionalidade, 1920

Nacionalidade	São Paulo		Santos		Ribeirão Preto		Estado	
	n.	%	n.	%	n.	%	n.	%
Italiana	91.544	44,6	3.059	8,4	10.907	50,2	398.797	48,1
Portuguesa	64.687	31,5	21.014	57,5	2.706	12,4	167.198	20,1
Espanhola	24.902	12,1	8.610	23,6	5.407	24,9	171.289	20,6
Outras	24.112	11,8	3.856	10,5	2.728	12,5	92.567	11,2
Total	205.245	100,0	36.539	100,0	21.748	100,0	829.851	100,0

Fonte: Rio de Janeiro (1920).

As pirâmides etárias da população estrangeira nos três municípios apresentam um perfil típico do movimento migratório da época: migravam mais homens que mulheres e a maioria em idades produtivas e reprodutivas. No entanto, um olhar mais atento observa diferenças na composição por sexo e idade dos estrangeiros entre esses municípios (Figuras 1-3).

⁶ Entre os recenseamentos publicados no período, apenas, o de 1920 desagrega a população por nacionalidade, sexo e idade.

FIGURA 1
Pirâmide Etária – Estrangeiros
São Paulo (capital) - 1920

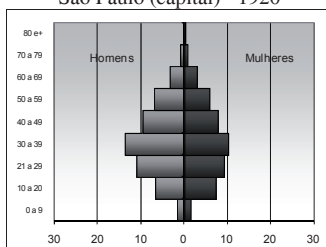


FIGURA 2
Pirâmide Etária – Estrangeiros
Ribeirão Preto - 1920

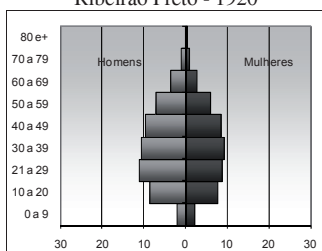
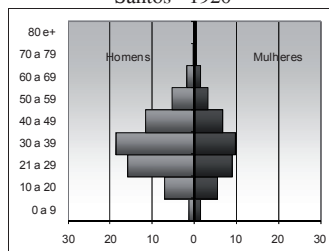


FIGURA 3
Pirâmide Etária – Estrangeiros
Santos - 1920



Fonte: Rio de Janeiro (1920).

Como em Ribeirão Preto predominou uma imigração subsidiada familiar de italianos e espanhóis destinada à lavoura cafeeira, a razão de sexo entre os imigrantes não era tão elevada e a idade média do grupo se apresentava mais jovem que em Santos e São Paulo. Já em Santos, a razão de sexo entre os imigrantes era bastante alta; entre os portugueses, havia 199 homens para cada 100 mulheres. Essa grande prevalência de homens em Santos vinculava-se às atividades portuárias e de exportação e importação, atividades essencialmente masculinas na época. Em São Paulo, a razão de sexo para todos os grupos nacionais foi a que mais se aproximou do ponto de equilíbrio, em 1920. O mercado de trabalho na capital absorvia tanto mão de obra masculina como feminina e familiar em grande escala (Tabela 8).

TABELA 8 - Razão de sexo na população estrangeira segundo nacionalidade, 1920

Nacionalidade	São Paulo	Santos	Ribeirão Preto	Estado
Italiana	109	131	110	116
Portuguesa	131	199	158	156
Espanhola	99	128	113	117
Outras	108	160	137	136
Total	115	168	119	126

Fonte: Rio de Janeiro (1920).

A imigração espanhola mais recente em território paulista que a italiana, como esta, também se caracterizou por estar prioritariamente vinculada às atividades da lavoura. Contudo, um grupo expressivo de espanhóis desenvolveu atividades de caráter mais urbano, preferindo se concentrar nas cidades do interior e em Santos, pelo menos até 1930. Após 1902, quando a Itália passou a dificultar a imigração subsidiada para o Brasil, famílias italianas e aqueles que não compunham unidades familiares continuaram chegando como imigrantes espontâneos e em grandes quantidades, instalando-se tanto na lavoura como nas cidades do interior e na capital. Os portugueses - que chegaram ao estado de São Paulo em grande parte independente dos vários subsídios que estimularam italianos e espanhóis - permaneceram como o grupo mais urbano entre os imigrantes, dedicando-se majoritariamente a trabalhos no porto, na ferrovia, a atividades artesanais e manufatureiras, a serviços gerais e ao pequeno comércio (KLEIN, 1989a; 1989b; BASSANEZI, 1995).

Em 1934, quando as entradas de imigrantes no estado tornaram-se irrisórias em relação aos anos anteriores e a cafeicultura vivia a sua maior crise, Ribeirão Preto ainda mantinha uma proporção grande de imigrantes morando e trabalhando no campo, principalmente espanhóis e imigrantes de outras nacionalidades, que não italiana e portuguesa (Tabela 9).

TABELA 9 - Estrangeiros na zona rural segundo nacionalidade, 1934

Nacionalidade	São Paulo*	Santos	Ribeirão Preto	Estado
Italiana		2,1	48,1	51,4
Espanhola		2,6	62,4	58,1
Portuguesa		5,6	43,3	29,5
Outras		4,3	72,2	57,5
Total		4,5	56,5	50,3

Fonte: São Paulo (1936).

*O levantamento de 1934 considerou todos os habitantes de São Paulo como vivendo na zona urbana.

As informações censitárias analisadas, desagregadas em nível de município, evidenciam especificidades no perfil dos imigrantes conforme os locais onde se inseriram. Especificidades que atendiam à demanda do mercado de trabalho local e que deixaram suas marcas na trajetória socio-econômica e demográfica dos mesmos.

TRAJETÓRIAS DEMOGRÁFICAS

A trajetória demográfica de cada um desses municípios (e de outros) pode ser conhecida e acompanhada através do cálculo de taxas brutas que, representadas em gráficos, expressam o crescimento populacional, a evolução da nupcialidade, da natalidade e da mortalidade no decorrer do tempo⁷.

Antes de prosseguir, cabe esclarecer que, embora as informações censitárias e as relativas aos eventos vitais (principalmente as que se referem à última década do século XIX) deixem dúvidas quanto à sua confiabilidade, optou-se por utilizá-las porque, mesmo imprecisas,

⁷ Essas taxas foram obtidas através das informações disponíveis nos levantamentos populacionais realizados entre 1886 a 1934, nos Relatórios da Repartição de Estatística e Arquivo do Estado de São Paulo (1893-1900) e nos Anuários Demógrafo-Sanitários para os anos 1894 a 1934. Esses últimos sistematizam as informações do Registro Civil de casamento, nascimento e óbito para o período de 1894-1928. Com a separação entre Igreja e Estado, que ocorreu com a Proclamação da República no Brasil, o Registro Civil, aos poucos, foi assumindo precedência sobre o Registro Paroquial. É possível que esse fato tenha comprometido a qualidade e cobertura dos dados nos primeiros anos do Registro Civil. Em que se pese essa possível limitação estes dados não devem ser descartados, são os que existem e, grosso modo, podem dar a sua contribuição ao estudo da população para um período em que os censos não são completos.

fornecem pistas, mostram tendências. Não obstante as taxas calculadas através dessas informações possam indicar apenas aproximações, elas permitem confrontar as experiências demográficas vividas por diferentes locais e em diferentes momentos. Experiências que resultam não só da relação das variáveis demográficas entre si, mas também dessas com os processos sociais, econômicos, políticos e culturais.

Confrontando as taxas de crescimento populacional dos municípios analisados, nos quatro anos finais da década de 1880, verifica-se que Ribeirão Preto e a capital do estado apresentavam taxas positivas e relativamente altas de crescimento populacional, maior inclusive do que a do estado em seu conjunto. Em Santos, observaram-se taxas de crescimento menores no período, algumas negativas devido à ocorrência de epidemias de febre amarela, que ceifavam vidas e levavam muitos dos moradores a abandonarem a cidade (RIBEIRO, 1991).

TABELA 10 - Taxa de crescimento médio anual da população, 1886-1934

Período	São Paulo	Santos	Ribeirão Preto	Estado
1886-1890	8,0	-4,0	3,7	3,2
1890-1900	14,0	14,5	17,3	5,1
1900-1920	4,5	3,6	0,8*	3,6
1920-1934	4,2	2,4	1,2	2,4
1886-1934	6,6	4,7	4,4	3,3

Fonte: São Paulo (1888; 1936); Rio de Janeiro (1890; 1900; 1920).

(*) Ribeirão Preto sofreu perdas territoriais nos anos 1896 e 1897, que deram origem aos municípios de Sertãozinho e Cravinhos. Acrescentando a população desses municípios à de Ribeirão Preto a taxa para os anos 1900-1920 seria 1,2.a.a. e 0,3 entre 1920-1934.

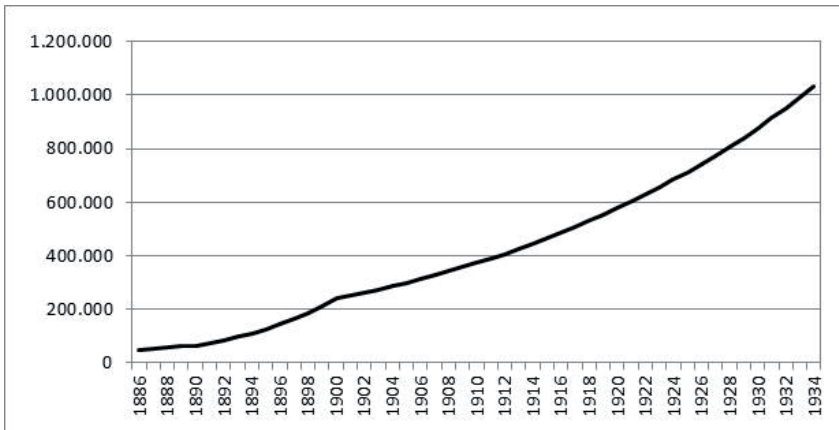
A população dos três municípios aumentou muito na década de 1890-1900, quando o volume de entradas de imigrantes e sua fixação no estado foram maiores. Nessa década, Ribeirão Preto polarizava o movimento de uma grande e rica região; as áreas cafeeiras e o núcleo urbano cresciam de modo bastante acelerado atraindo mais imigrantes⁸. Santos, conquanto assolado com novas epidemias de febre amarela (1895 - 1897) e apresentando, em alguns momentos, os maiores coeficientes de

⁸ Mesmo com as perdas territoriais ocorridas em 1896 e 1897 (com a criação dos municípios de Sertãozinho e Cravinhos), sua população teve um crescimento abrupto, proporcionalmente maior que São Paulo e Santos, o que motivou sua inclusão no plano geral de saneamento do estado de São Paulo, já nessa década (OLIVEIRA, 1985).

óbitos do estado, também, teve um crescimento populacional expressivo na década, propiciado pela ampliação das atividades portuárias, das de exportação e importação e da entrada de imigrantes em grande escala. Cresceu proporcionalmente mais que a cidade de São Paulo, que também atraiu um volume grande de trabalhadores estrangeiros para sua indústria, comércio e serviços em expansão (Tabelas 5 e 10, Gráficos 1-3).

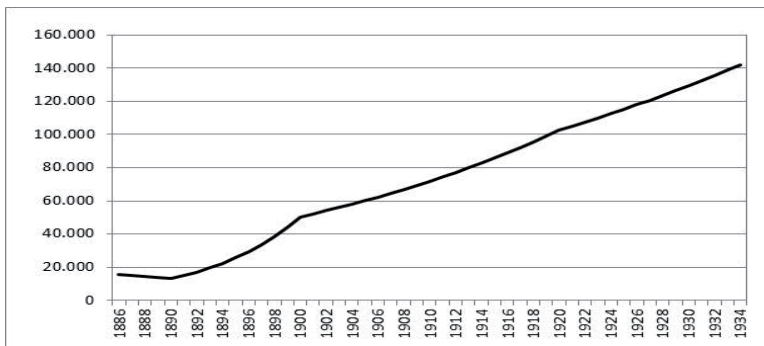
Nas duas primeiras décadas do século XX, a população de Ribeirão Preto não deixou de crescer, mas reduziu em muito o seu ímpeto. Analisando sua área territorial de 1890, a taxa de crescimento geométrica anual não ultrapassou 1,2% ao ano (no município, 0,8%a.a.), provavelmente, em razão da crise da cafeicultura (resultado da superprodução de 1896-1902 provocada pela região), à epidemia de febre amarela (1903-1904), à redução da imigração durante a I Guerra Mundial e à geada de 1918 que afetou os cafezais. Em São Paulo e Santos, as taxas de crescimento populacional alcançaram valores mais altos que em Ribeirão Preto, porém bem mais baixos que os observados no período anterior, quando a imigração internacional foi mais volumosa; o ritmo desse crescimento na capital foi, no entanto, mais intenso que no município portuário. No período de 1920 a 1934, o valor das taxas de crescimento populacional diminuiu um pouco em São Paulo e um pouco mais em Santos. O município de Ribeirão Preto aumentou ligeiramente em relação ao período anterior, mas diminuiu se for levado em conta o território que possuía em 1890. É possível que o desenvolvimento do núcleo urbano desse município e a recuperação da lavoura cafeeira em suas terras, na década de 1920, respondessem por esse aumento (Tabelas 5, 10; Gráficos 1-3).

GRÁFICO 1 - Evolução da população. São Paulo (capital), 1886 - 1934



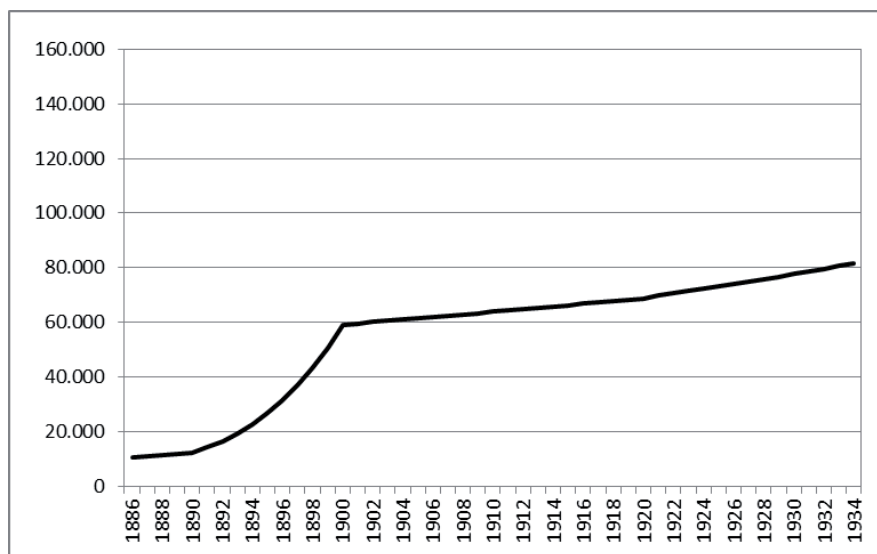
Fonte: São Paulo (1888; 1936); Rio de Janeiro (1890; 1900; 1920).

GRÁFICO 2 - Evolução da população. Santos, 1886 - 1934



Fonte: São Paulo (1888; 1936); Rio de Janeiro (1890; 1900; 1920).

GRÁFICO 3 - Evolução da população. Ribeirão Preto, 1886 - 1934



Fonte: São Paulo (1888; 1936); Rio de Janeiro (1890; 1900; 1920).

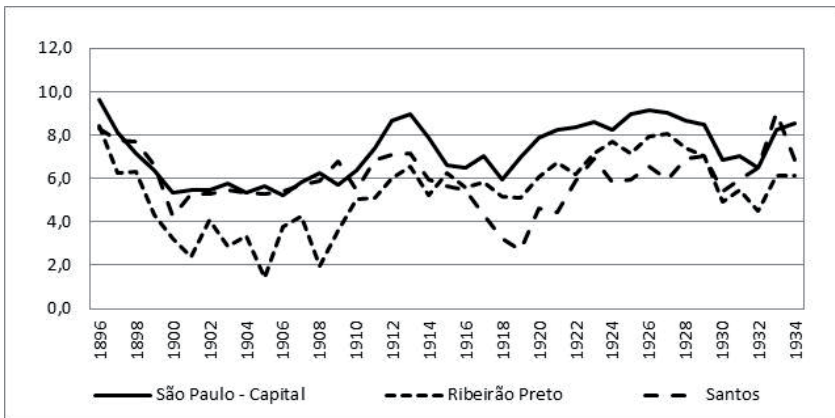
No que diz respeito à nupcialidade, primeiramente, é preciso destacar que o número maior de homens do que de mulheres presentes nas correntes imigratórias contribuiu para o aumento da oferta de homens no mercado matrimonial, com isso, favorecendo as mulheres estrangeiras e também as nacionais. Além disso, esse desequilíbrio entre os sexos pressionou a idade média das mulheres ao primeiro matrimônio para baixo⁹. Os imigrantes com uma maior tradição de casamento civil que os nacionais contribuíam também para ampliar o número de uniões conjugais legalizadas perante o Registro Civil implantado com a República. Esses fatos, salvo problemas com os dados, estariam contribuindo para que as taxas de nupcialidade se apresentassem mais altas em meados da década de 1890, quando chegou a maior leva de imigrantes.

De um modo geral, a nupcialidade sofreu uma queda nos anos iniciais do século XX, período de crise na cafeicultura e de maior imigração de retorno ou reemigração; voltou a crescer no período que antecede à Primeira Guerra Mundial, com a entrada de um novo e significativo fluxo

⁹ Pesquisas localizadas têm mostrado que, em terras brasileiras, as mulheres estrangeiras casavam-se em idades mais precoces do que as que permaneceram no país de origem.

imigratório. Diminuiu nos anos da guerra, mais ainda durante a epidemia de gripe espanhola e logo após a geada de 1918, voltando a subir nos anos de 1920, com a recuperação da cafeicultura e quando começaram a entrar no mercado de casamento os imigrantes que haviam chegado ainda crianças ou nascidos no Brasil, nos primeiros momentos da imigração de massa. Ademais, o casamento civil de brasileiros nessa época, devidamente aceito pela população nativa, teria contribuído para aumentar as estatísticas nesses anos. A taxa média de nupcialidade em todo o período foi maior em São Paulo (7,3‰) que em Santos (6,0‰) e em Ribeirão Preto (5,5‰) (Gráfico 4).

GRÁFICO 4 – Taxa de nupcialidade. São Paulo (capital), Ribeirão Preto e Santos, 1896-1934



Fonte: São Paulo. Repartição de Estatística e Archivo do Estado de São Paulo. Relatório 1896-1900. São Paulo. Diretoria do Serviço Sanitário. Anuário Demográfico: secção de estatística demographo-sanitária. 1901-1934.

Ribeirão Preto apresentou as taxas de nupcialidade mais baixas até meados dos anos 1910, quando ultrapassou Santos. Provavelmente porque as unidades familiares vindas para a cafeicultura eram jovens e, em consequência, os filhos ainda não estivessem na idade de se casar; é possível também que os imigrantes solteiros presentes no mercado matrimonial

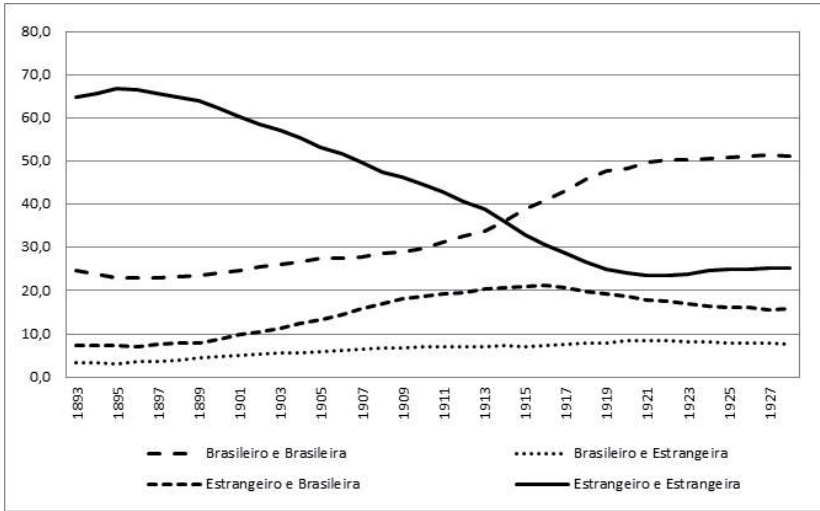
estivessem adiando casamento, aguardando uma maior adaptação à terra hospedeira e maior estabilidade da cafeicultura em crise no momento.

São Paulo e Santos, no início do período analisado, apontavam taxas de nupcialidade bastante próximas, que foram se distanciando no decorrer do tempo. No final da primeira década do século XX, Santos, inclusive, indicava as taxas de nupcialidade mais baixas entre os três municípios, que atingiram o pior nível em 1918, com a epidemia de gripe espanhola. Não se pode esquecer que faltavam mulheres no mercado de casamento santista (Gráfico 4).

Um indicativo de que essas taxas possuíam um vínculo muito próximo com a imigração é que, no conjunto dos casamentos formais, realizados no período de 1893 a 1928, em São Paulo; e, entre 1896 a 1928, nos demais municípios, um terço ou mais unia cônjuges estrangeiros entre si, metade de um terço unia um estrangeiro e uma brasileira e uma porcentagem menor uma estrangeira a um brasileiro. É preciso lembrar ainda que entre os brasileiros casando-se com brasileiras incluíam-se muitos filhos de estrangeiros unindo-se a filhas de estrangeiros, ambos nascidos no Brasil.

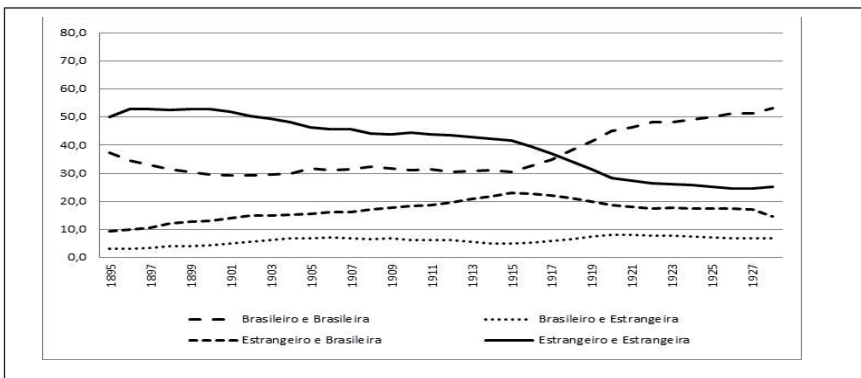
Os casamentos de estrangeiros com estrangeiras, que em meados dos anos 1890 alcançavam altas proporções, foram diminuindo no decorrer do tempo, à medida que declinava a imigração e que entravam no mercado matrimonial os brasileiros filhos de estrangeiros. Esse processo foi mais rápido em Ribeirão Preto, que em São Paulo. Em Santos, foi mais lento; só por volta de 1917 é que o volume de casamentos entre cônjuges brasileiros ultrapassou o de cônjuges estrangeiros. A proporção de casamentos de homens estrangeiros com brasileiras aumentou lentamente nos três municípios até o final da I Guerra Mundial, começando a diminuir a partir de então (Gráficos 5-7).

GRÁFICO 5 – Casamentos segundo nacionalidade brasileira e estrangeira. São Paulo (capital), 1893-1928 (%)



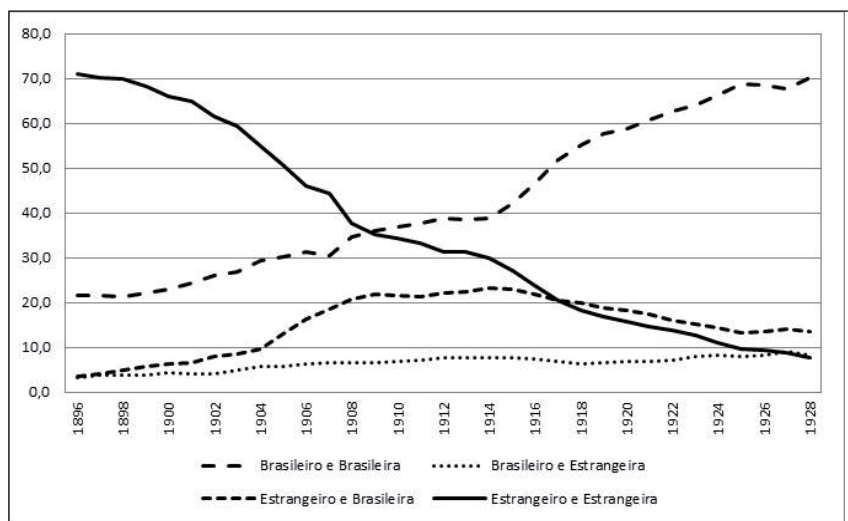
Fontes: São Paulo. Repartição de Estatística e Archivo do Estado de São Paulo. Relatório 1896-1900. São Paulo. Diretoria do Serviço Sanitário. Anuário Demográfico: secção de estatística demographo-sanitária. 1901-1934.

GRÁFICO 6 – Casamentos segundo nacionalidade brasileira e estrangeira. Santos, 1895-1928 (%)



Fontes: São Paulo. Repartição de Estatística e Archivo do Estado de São Paulo. Relatório 1896-1900. São Paulo. Diretoria do Serviço Sanitário. Anuário Demográfico: secção de estatística demographo-sanitária. 1901-1934.

GRÁFICO 7 – Casamentos segundo nacionalidade brasileira e estrangeira. Ribeirão Preto, 1896-1928 (%)



Fontes: São Paulo. Repartição de Estatística e Archivo do Estado de São Paulo. Relatório 1896-1900. São Paulo. Diretoria do Serviço Sanitário. Anuário Demográfico: secção de estatística demographo-sanitária. 1901-1934.

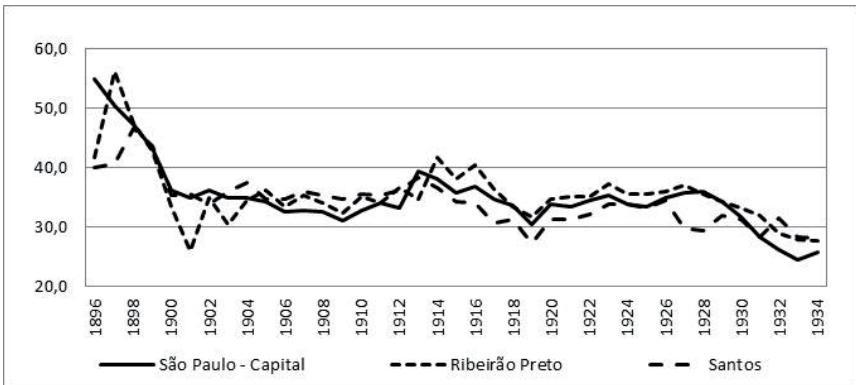
As taxas de natalidade também foram mais altas nos anos 1890. Seguindo a mesma tendência da nupcialidade, a natalidade apresentou uma ligeira alta nos anos que antecederam à Primeira Guerra Mundial, para, em seguida, declinar e alcançar sua menor taxa durante a epidemia de gripe espanhola, em 1918. Com o final da epidemia e a recuperação da cafeicultura nos anos 1920, voltou a aumentar.

Na virada do século XIX para o XX, Ribeirão Preto revelou as menores taxas de natalidade. Na primeira década do século XX, essas taxas, nos três municípios, encontravam-se bem próximas, com uma ligeira vantagem para Santos, o que não permaneceu por muito tempo, pois, a partir de meados da década de 1910, esse município passou a apresentar as menores taxas entre os três municípios. No conjunto do período analisado, as taxas de natalidade médias alcançaram os seguintes valores: 35,7‰ em São Paulo, 36,2 ‰ em Ribeirão Preto e 34,2‰ em Santos (Gráfico 8), valores muito próximos dos encontrados para o conjunto do estado no período (por volta de 35‰), mas bem aquém da verificada para o Brasil como um todo.

Essas passaram de 46 ‰ para 44‰ no período que vai de 1891 a 1940 (IBGE, 1960).

Da mesma forma que na nupcialidade (e conseqüentemente), os imigrantes estrangeiros tiveram um impacto muito forte sobre a natalidade no estado de São Paulo. Infelizmente, só a partir de 1916 que as estatísticas existentes separam os filhos nascidos vivos de mães estrangeiras dos filhos nascidos vivos de mães brasileiras. O que elas mostram é que, em 1916, os filhos nascidos de mães estrangeiras chegavam a mais de 60% dos nascimentos nos municípios de São Paulo e Ribeirão Preto e um pouco menos em Santos. Embora essa proporção declinasse no decorrer do tempo, em ritmo e intensidade diferentes entre esses municípios, o que se observa é que ainda, em 1928, os filhos nascidos de estrangeiras representavam cerca de um terço dos nascimentos (Gráficos 9-11). Certamente, essa proporção foi muito maior nos anos anteriores, cujas estatísticas desagregam somente os nascimentos em “filho de pai estrangeiro” e “filho de pai brasileiro”.

GRÁFICO 8 - Taxa de natalidade. São Paulo (capital), Ribeirão Preto e Santos, 1895-1934

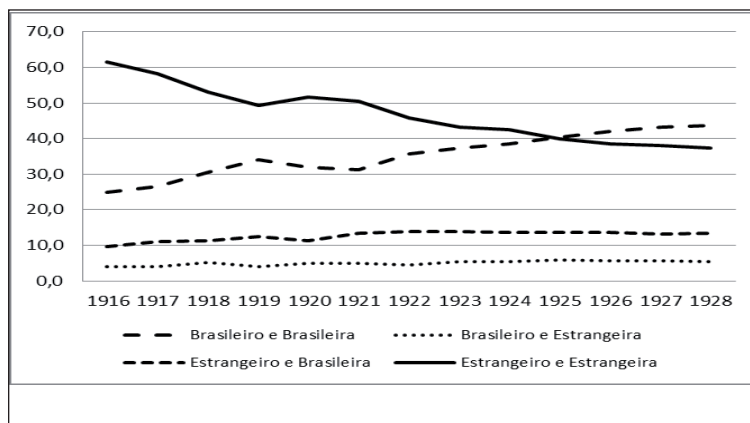


Fontes: São Paulo. Repartição de Estatística e Archivo do Estado de São Paulo. Relatório 1896-1900. São Paulo. Diretoria do Serviço Sanitário. Anuário Demográfico:secção de estatística demographo-sanitária. 1901-1934.

Reforçando essas constatações, sobre o papel da mulher estrangeira nas taxas de natalidade, estudos realizados por Levy (1991) - que comparam as informações do censo de 1920 e 1940 sobre a estrutura etária de mulheres estrangeiras e nativas de 20 anos e mais com o número de filhos nascidos vivos - mostraram que, ao redor de 1910, as imigrantes estariam vivendo

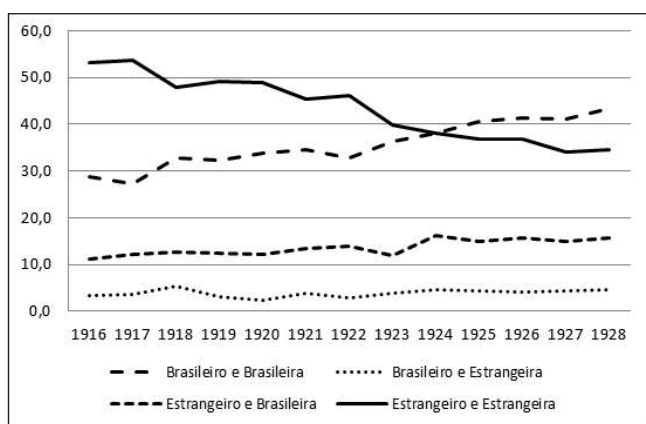
suas idades mais férteis dos 20 aos 34 anos, quando a razão de sexo era altamente favorável, entre outros fatores, ao casamento (LEVY, 1991).

GRÁFICO 9 – Nascimentos segundo a nacionalidade dos pais. São Paulo (capital), 1916 -1928 (%)



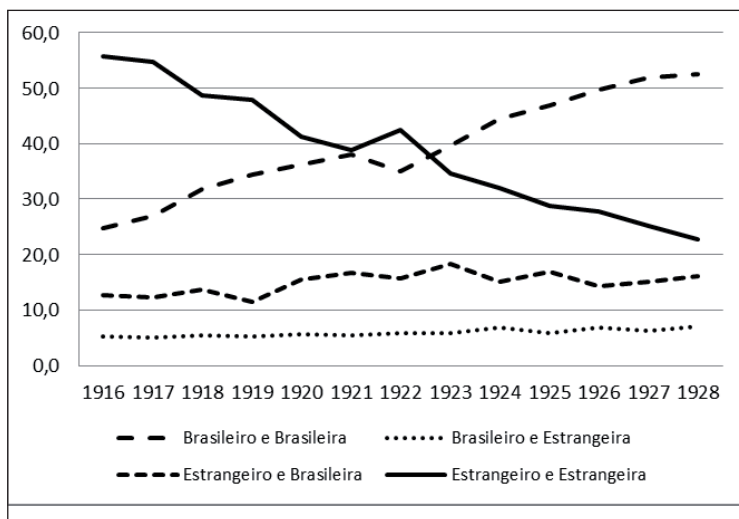
Fonte: São Paulo. Diretoria do Serviço Sanitário. Anuário Demográfico: secção de estatística demographo-sanitária - 1916-1928.

GRÁFICO 10 – Nascimentos segundo a nacionalidade dos pais. Santos, 1916-1928 (%)



Fonte: São Paulo. Diretoria do Serviço Sanitário. Anuário Demográfico: secção de estatística demographo-sanitária - 1916-1928.

GRÁFICO 11 – Nascimentos segundo a nacionalidade dos pais. Ribeirão Preto, 1916-1928 (%)



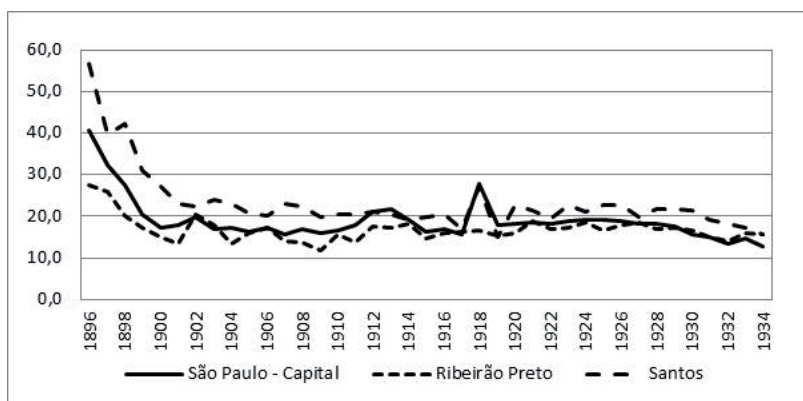
Fonte: São Paulo. Diretoria do Serviço Sanitário. Anuário Demográfico: secção de estatística demographo-sanitária - 1916-1928.

A chegada de um grande número de imigrantes, em curto espaço de tempo, também afetou as taxas de morbidade e mortalidade não só do grupo, mas da população paulista como um todo. As precárias condições de uma longa viagem, as aglomerações no porto de chegada e na Hospedaria de Imigrantes constituíam-se em “momentos propícios ao desenvolvimento de epidemias como a febre amarela, a varíola” (TERALOLLI JR., 1996, p.1-2). Nas fazendas, as características físicas das colônias, e, nas cidades, o incremento populacional, juntamente com a intensa mobilidade geográfica dos imigrantes, favoreciam a ocorrência e proliferação de epidemias e outras doenças. Entre 1889 e 1904, uma série de epidemias de febre amarela ocorreu no porto de Santos e nos municípios do oeste paulista, onde se localizava Ribeirão Preto e se encontrava a grande maioria dos imigrantes. A cidade de São Paulo, devido às suas condições climáticas, foi poupada pela febre amarela, mas a aglomeração de imigrantes em cortiços facilitou a ocorrência de epidemias de varíola, a proliferação da tuberculose e do sarampo. Nas áreas cafeeiras, a lepra, a malária, a ancilostomose, o tracoma, assim como picadas de ofídios, o bicho-do-pé e o alcoolismo contribuíam para ampliar

a morbimortalidade entre os trabalhadores estrangeiros e seus descendentes (SCARANO, 1974; RIBEIRO, 1991; TELAROLLI JR., 1997).

Nesse contexto, a política de saúde no estado de São Paulo procurou concentrar suas ações no controle de epidemias de febre amarela, varíola, febre tifoide (primeiramente) e na diminuição das endemias debilitantes (como malária, ancilostomose, entre outras) que ameaçavam a política de migração e a expansão cafeeira. Programas de saneamento, imunização, controle de vetores e melhorias na alimentação levaram a um declínio significativo das taxas de mortalidade no estado, já no início do século XX, que alcançaram valores abaixo dos observados em outras unidades da federação nesse período e também durante o período colonial-escravocrata (SAWYER, 1983; TELAROLLI JR., 1997). Estimativas existentes mostram que a taxa de mortalidade no Brasil por mil habitantes, entre 1901 a 1920, alcançava 26,4‰ e entre 1920 a 1940 25,3‰ (IBGE, 1960). No estado de São Paulo, chegava a valores mais baixos: 19,5‰ e 17,6‰ em média naqueles respectivos períodos.

GRÁFICO 12 -Taxa de mortalidade. São Paulo (capital), Ribeirão Preto e Santos, 1896-1934



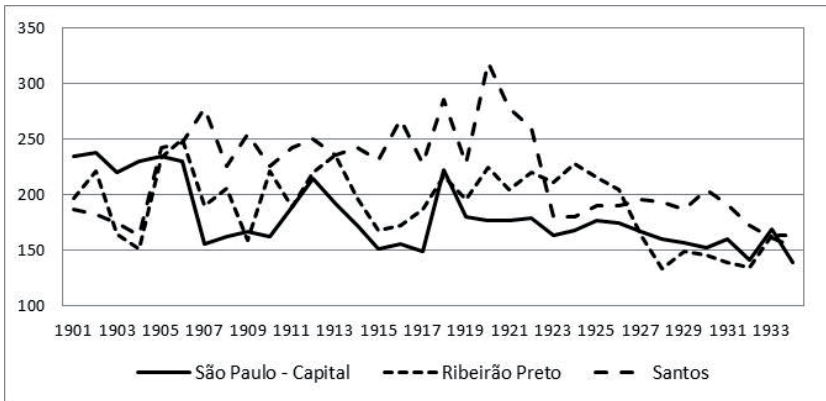
Fontes: São Paulo. Repartição de Estatística e Archivo do Estado de São Paulo. Relatório 1896-1900. São Paulo. Diretoria do Serviço Sanitário. Anuário Demográfico: secção de estatística demographo-sanitária - 1901-1934.

Retornando aos municípios objeto de análise, verifica-se que a evolução da mortalidade, refletida nos traços das curvas do gráfico 12, revela que, em Santos, a mortalidade foi sempre maior que nos dois outros

locais, em todo o período analisado (25‰). Na capital, essa taxa ficou por volta de 20‰ e, em Ribeirão, 17‰. Na segunda década do século, diminuíram as diferenças entre esses municípios, que experimentaram um declínio ainda mais acentuado da mortalidade no final dos anos 1920, principalmente, a partir de 1930.

No que tange à mortalidade infantil, os dados disponíveis abrangem os anos de 1901 a 1934. Nesse período, com oscilações, ela manteve-se ainda alta nas duas primeiras décadas do século XX, alcançando, em muitos momentos, a cifra de mais de 200 óbitos por mil nascidos vivos. Nos anos seguintes, como aconteceu com a mortalidade geral, começou a declinar. O município de Santos liderou com as mais altas taxas de mortalidade infantil no período, enquanto Ribeirão Preto assumiu uma posição intermediária entre Santos e São Paulo (SCARANO, 1974; RIBEIRO, 1991; TERALOLLI JR., 1997) (Gráfico 13).

GRÁFICO 13 – Taxa de mortalidade infantil. São Paulo (capital), Ribeirão Preto e Santos, 1901 - 1934



Fonte: São Paulo. Diretoria do Serviço Sanitário. Anuário Demográfico: secção de estatística demographo-sanitária - 1901-1934.

As mães, em geral, analfabetas, ignoravam os princípios de profilaxia e não conseguiam impedir a alta mortalidade entre seus filhos. Muitos dos que conseguiam sobreviver ao primeiro ano não chegavam a completar cinco anos. As doenças infecciosas e parasitárias eram responsáveis pela maioria dos óbitos tanto entre os filhos de mães

estrangeiras como entre brasileiras. As crianças também foram as maiores vítimas das epidemias que assolaram o estado na época.

Em consequência ao comportamento da natalidade *versus* o da mortalidade, as taxas de crescimento vegetativo, ou taxa de crescimento natural, foram mais altas em Ribeirão Preto que nos dois outros municípios analisados. Os imigrantes que se dirigiram para a cafeicultura, em sua grande maioria, compunham unidades familiares relativamente jovens e com filhos pequenos, com potencial para continuarem se reproduzindo¹⁰. Por sua vez, as taxas de mortalidade em Ribeirão Preto foram relativamente mais baixas. É possível que, nas áreas rurais, as condições de salubridade, ainda que ruins, tenham sido melhores que nos centros urbanos e a alimentação também mais saudável, uma vez que aos colonos do café era permitido manter lavoura de subsistência e criar pequenos animais no interior da fazenda. Com já observado, a queda do crescimento vegetativo em Ribeirão Preto, nos primeiros anos do século XX, estaria associada às epidemias de febre amarela que assolaram a região em 1903-1904 e à crise cafeeira que também afetaram a nupcialidade e a natalidade.

Em Santos, as taxas de crescimento vegetativo foram menores. Na década de 1890, chegaram a ser negativas em função das epidemias de febre amarela que dominaram a cidade nos anos 1895, 1896 e 1897 e da proliferação de outras doenças infectocontagiosas. Construída sobre terrenos de antigos mangues, rodeada por áreas pantanosas, de clima quente e úmido e de verões prolongados, essa cidade portuária apresentava condições de insalubridade muito propícias ao desenvolvimento de doenças que levavam a uma alta mortalidade. Some-se a isso o fato da maioria da população ser muito pobre e viver aglomerada em habitações extremamente precárias (RIBEIRO, 1991).

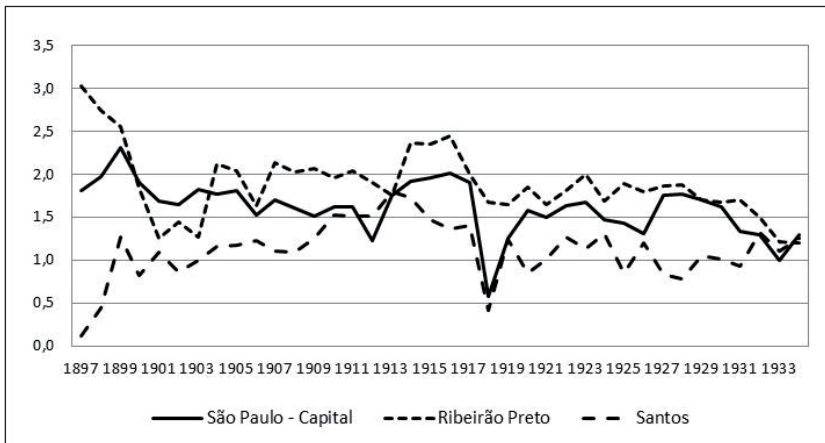
A taxa de crescimento vegetativo na cidade de São Paulo ocupou uma posição intermediária entre as apresentadas por Ribeirão Preto e por Santos. No que diz respeito à mortalidade, como já salientado, as frágeis condições sanitárias e as aglomerações de pessoas em cortiços propiciavam a proliferação de doenças infectocontagiosas, ampliando o número de

¹⁰ Estudo realizado sobre estrangeiros que saíram da Hospedaria de Imigrantes em direção a uma grande fazenda de café apontou que as idades médias dos homens que compunham essas unidades não ultrapassavam os 40 anos, as das mulheres os 35 anos e dos filhos os 7 anos. Nessas áreas cafeeiras, imigrantes e não imigrantes casavam-se também em idades mais precoces que nas cidades, aumentando nas mulheres o período de gerar mais filhos (BASSANEZI, 2003).

óbitos. É possível também que uma maior imigração familiar em São Paulo que em Santos refletisse em taxa de natalidade mais elevada na capital.

Os efeitos da Primeira Guerra Mundial e da Gripe Espanhola de 1918 sobre o crescimento vegetativo foram muito mais fortes em São Paulo e Santos do que em Ribeirão Preto, que ficava em um interior distante. Naqueles municípios, em virtude da gripe, o número de óbitos quase que dobrou em relação ao ano anterior, impactando também na natalidade. Na cidade de São Paulo, por exemplo, 43% das mulheres que faleceram em virtude da gripe se encontravam em plena idade reprodutiva (entre 15 a 49 anos). Nos anos finais da década de 1920, as taxas de crescimento vegetativo decresceram nos municípios de Ribeirão Preto e São Paulo alcançando a de Santos (Gráfico 14), porque neles a natalidade declinou em um ritmo mais rápido que a mortalidade, o que não ocorreu em Santos, onde as taxas de natalidade e de mortalidade, além de estarem mais próximas, decresceram mais lentamente e quase ao mesmo tempo.

GRÁFICO 14 - Taxa crescimento vegetativo. São Paulo (capital), Ribeirão Preto e Santos, 1897-1934



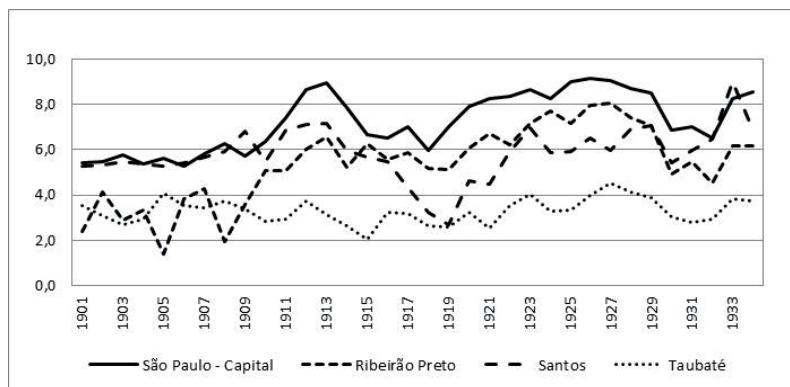
Fontes: São Paulo. Repartição de Estatísticae Archivo do Estado de São Paulo. Relatório 1897-1900. São Paulo. Diretoria do Serviço Sanitário. Anuário Demográfico: secção de estatística demographo-sanitária. 1901-1934.

O impacto da imigração internacional nas trajetórias desses municípios fica ainda mais evidente quando se comparam as taxas de nupcialidade, natalidade e mortalidade com as obtidas para municípios

onde a imigração internacional não foi significativa como, por exemplo, o município de Taubaté. Antigo município cafeeiro escravista do Vale do Paraíba, Taubaté sofreu a decadência da cafeicultura na região, iniciada por volta de 1870 e, em consequência, recebeu pouquíssimos imigrantes internacionais. Esse município contava, em 1886, com 19.509 habitantes, que passaram para 36.564 em 1934, resultando em uma taxa de crescimento de 1,3%a.a. no período; taxa bem menor que a verificada para os municípios receptores de imigrantes.

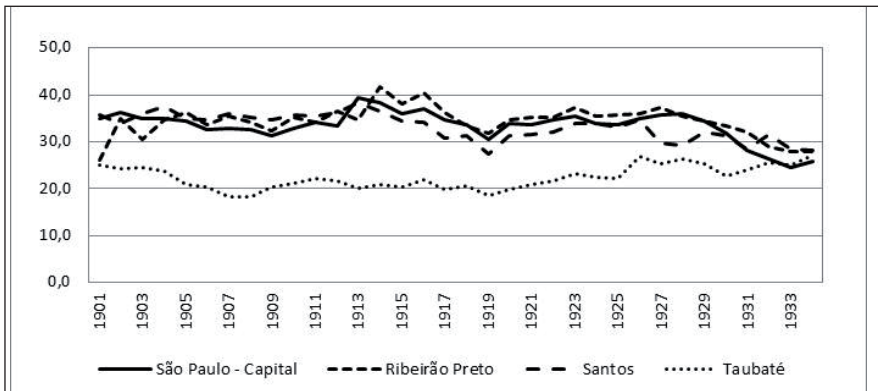
A taxas médias de nupcialidade e natalidade em Taubaté, no período de 1901 a 1934, também estiveram aquém das observadas para os outros três municípios analisados, como demonstram as curvas que representam essas taxas nos gráficos 15 e 16. A partir de 1925, Taubaté começou a dar sinais de mudanças; a nupcialidade e a natalidade aumentaram, dessa maneira, diminuindo as diferenças em relação aos demais municípios analisados. Nesse momento, começaram a chegar a Taubaté migrantes nacionais em função da instalação de industriais importantes na região. Os padrões e níveis de reprodução desses imigrantes, como mostraram Baeninger e Bassanezi (2010), teriam contribuído para o aumento da natalidade no município.

GRÁFICO 15 – Taxa de nupcialidade. São Paulo (capital), Ribeirão Preto, Santos e Taubaté, 1901-1934



Fonte: São Paulo. Diretoria do Serviço Sanitário. Anuário Demográfico: secção de estatística demographo-sanitária - 1901-1934.

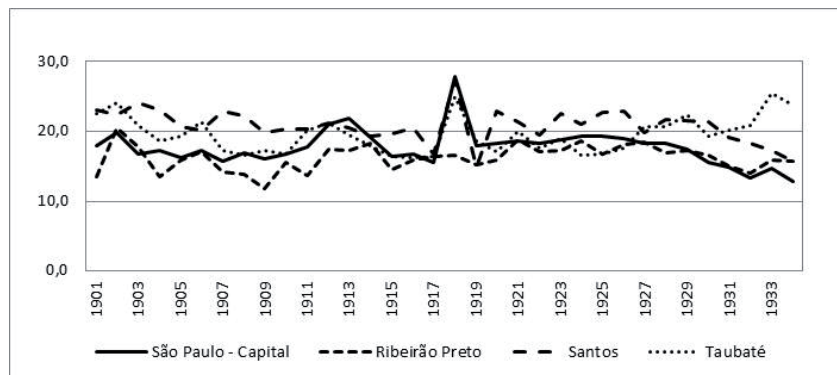
GRÁFICO 16 – Taxa de natalidade. São Paulo (capital), Ribeirão Preto, Santos e Taubaté, 1901-1934



Fonte: São Paulo. Diretoria do Serviço Sanitário. Anuário Demográfico: secção de estatística demographo-sanitária - 1901-1934.

Com relação à mortalidade, há uma maior proximidade nos traços das respectivas curvas, principalmente, entre São Paulo, Santos e Taubaté, o que é indicativo de que imigrantes e nativos estavam sujeitos às mesmas mazelas. No final do período, as taxas de mortalidade de Taubaté aumentaram e começaram a distanciar-se das mostradas por aqueles municípios (Gráfico 17). Os migrantes nacionais, geralmente emigrantes das secas que assolavam as regiões de origem, vinham em condições de saúde bastante precárias, o que provavelmente contribuiu para o aumento da morbimortalidade nos primeiros momentos.

GRÁFICO 17 – Taxa de mortalidade. São Paulo (capital), Ribeirão Preto, Santos e Taubaté, 1901-1934



Fonte: São Paulo. Diretoria do Serviço Sanitário. Anuário Demográfico: seção de estatística demographo-sanitária - 1901-1934.

Os distintos níveis de nupcialidade, natalidade e mortalidade observados nos municípios analisados deixaram entrever claramente os efeitos diretos e indiretos, qualitativos e quantitativos da imigração internacional, bem como, posteriormente, da migração interna, em suas trajetórias demográficas.

CONCLUSÃO

A imigração internacional foi um componente muito importante da dinâmica demográfica do estado de São Paulo, principalmente entre os anos de 1880 e primeiras décadas do século XX. O volume e as características da corrente imigratória provocaram um grande crescimento da população paulista e profundas alterações na estrutura e na dinâmica dessa população. Esse processo, resultado de dinâmicas demográficas específicas, ocorreu em ritmos diferenciados no tempo, não foi homogêneo em todo território paulista e esteve articulado aos processos socioeconômicos vigentes e a eventos de caráter mais conjuntural, como crise econômica, epidemias e guerra.

A partir do final dos anos de 1920, a imigração internacional diminuiu sua importância no cenário paulista e deu lugar a um volumoso movimento migratório interestadual, delineando uma nova etapa na

trajetória demográfica do estado, nas trajetórias demográficas municipais. Nessa fase, nas áreas de forte imigração internacional, observavam-se mudanças no comportamento reprodutivo da população, um decréscimo mais acentuado nas taxas de natalidade, em parte, resultado do aumento da idade ao primeiro casamento e do declínio da mortalidade. Provavelmente, os padrões de natalidade e mortalidade continuariam diminuindo no estado de São Paulo, caso não tivessem chegado, a partir de então, os migrantes nacionais, cujo volume e características contribuíram para imprimir um ritmo mais lento ao processo de transição, principalmente nas localidades de grande afluxo desses imigrantes.

Esses movimentos migratórios, que acompanharam etapas econômicas específicas deixaram suas marcas na transição demográfica paulista, que ocorreu em um tempo mais longo e também precocemente em relação ao restante do país. Desde o início do século XX, o estado de São Paulo apresentou taxas de natalidade e mortalidade bem mais baixas que as outras unidades da federação. Somente a partir de meados dos anos 1960, é que o declínio da fecundidade no Brasil, de forma generalizada, tornou-se mais evidente.

Este trabalho, ao incorporar a desagregação dos dados para um espaço menor de análise, evidencia a grande diversidade existente em termos de indicadores demográficos, os momentos e etapas do processo rumo à transição demográfica, suas oscilações e seus retrocessos no estado de São Paulo, do final do século XIX a meados do século XX. Processo que só pode ser melhor compreendido se na sua análise for incorporada a dinâmica migratória, ainda, pouco explorada e contemplada nos estudos e debates atinentes à transição demográfica.

REFERÊNCIAS

BAENINGER, R.; BASSANEZI, M. S. C. B. São Paulo: transição demográfica e migrações. In: ODALIA, N. (in memoriam); CALDEIRA, J. R. C. (Org.). *História do Estado de São Paulo: a formação da Unidade Paulista*. São Paulo: UNESP, v.2, 2010. p.153-158.

BASSANEZI, M. S. C. B.; SCOTT, A. S. V. Criança e jovem *oriundi* na terra do café, no final do século XIX e início do século XX. In: RADIN, J. C. (Org.). *Cultura e identidade italiana no Brasil: algumas abordagens*. Joaçaba: UNOESC, 2005. p.141-162.

- _____. Family and immigration. In: BAILY, S. L.; MÍGUEZ, E. J. (Ed.). *Mass migration to modern Latin America*. Lanham: Rowman & Littlefield, 2003. p.263-277.
- _____. Imigrações internacionais no Brasil: um panorama histórico. In: PATARRA, N. L. (Coord.). *Emigração e imigração internacionais no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FNUAP, 1995. p.1-38.
- IBGE. *Anuário Estatístico do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1960. v.21.
- HOLLOWAY, T. *Imigrantes para o café*. São Paulo: Paz e Terra, 1984.
- KLEIN, H. A integração social e econômica dos imigrantes portugueses no Brasil no fim do século XIX e no século XX. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v.6, n.2, jul./dez.1989a.
- _____. A integração social e econômica dos imigrantes espanhóis no Brasil. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v.19, n.3, 1989b.
- LEVY, M. S. F. A imigração internacional e a fecundidade. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v.8, n.1/2, jan./dez.1991.
- _____. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972). *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v.8 (Supl.), 1974.
- MERRICK, T. W.; GRAHAM, D. H. *População e desenvolvimento econômico no Brasil*. São Paulo: Zahar, 1981.
- NOGUEIRA, O. *O desenvolvimento de São Paulo: imigração estrangeira e nacional e índices demográficos: demografo-sanitários e educacionais*. São Paulo: CIBPU, 1964.
- OLIVEIRA, M. C. F. A. *A urbanização do interior: condições gerais e a experiência de Amparo, Rio Claro e Ribeirão Preto*. Relatório final de pesquisa. 1988. (Mimeo.).
- RIBEIRO, M. A. R. *História sem fim... um inventário da saúde pública, São Paulo, 1880-1930*. 1991. 407fs. Tese (Doutorado em Economia) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.
- RIO DE JANEIRO. Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio. Directoria Geral de Estatística. *Recenseamento do Brazil realizado em 1 de setembro de 1920*. Rio de Janeiro: Typografia da Estatística, 1930.
- _____. Ministerio da Industria, Viação e Obras Publicas. Directoria Geral de Estatística. *Synopse do Recenseamento de 31 de dezembro de 1900*. Rio de Janeiro: Typografia da Estatística, 1905.
- _____. Directoria Geral de Estatística. *Synopse do Recenseamento de 31 de dezembro de 1890*. Rio de Janeiro: Officina da Estatística, 1898.
- SÃO PAULO. Directoria de Estatística, Industria e Commercio. *Recenseamento Demográfico, Escolar e Agrícola-Zootécnico do Estado de São Paulo (20 de setembro de 1934)*. São Paulo: Directoria de Estatística, Industria e Commercio, 1936.
- _____. Directoria do Serviço Sanitario do Estado de São Paulo (Estados Unidos do Brasil). *Anuario demographico: secção de estatística demographo-sanitaria*. São Paulo: Diário Oficial, 1901-1934.
- _____. Repartição de Estatística e Archivo do Estado de São Paulo. *Relatório*. São Paulo: Diário Oficial. 1896-1900.

_____. Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de São Paulo. *Relatório apresentado ao Dr. Washington Luiz, Presidente do Estado pelo Dr. Heitor Teixeira Penteado, Secretario da Agricultura, Commercio e Obras Publicas - Anno 1923*. São Paulo: Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas do Estado de São Paulo, 1924.

_____. Secretario dos Negocios do Interior do Estado de São Paulo pelo Director da Repartição da Estatística e Archivo. Dr. Antonio de Toledo Piza em 31 de julho de 1894. *Relatorio apresentado ao cidadão Dr. Cezario Motta Junior*. Rio de Janeiro: Leuzinger, 1894.

_____. *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo pela Comissão Central de Estatística*. São Paulo: Leroy King, 1888.

SAYWER, D. Relações entre mortalidade e fecundidade: o caso de São Paulo. In: PATARRA, N. L. (Comp.). *Reproduccion de la población y desarrollo*. São Paulo: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, v.4, 1983. p.91-172.

SCARANO, J. M. L. *O imigrante: trabalho, saúde e morte*. 1974. 164fls. Tese (Livre Docência em História) - Departamento de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1974.

TELAROLLI JR., R. Assistência sanitária e condições de saúde na zona rural paulista na Primeira República. *Revista Brasileira de Estudos de População*, São Paulo, v.14, n.1/2, jan./dez.1997.

_____. *Poder e saúde: as epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo*. São Paulo: EDUNESP, 1996.